



PREFEITURA MUNICIPAL DE CERQUILHO

ESTADO DE SÃO PAULO

CONCURSO PÚBLICO

055. PROVA OBJETIVA

PEB II – HISTÓRIA (CÓD. 062)

- ◆ Você recebeu sua folha de respostas e este caderno contendo 60 questões objetivas.
- ◆ Confira seus dados impressos na capa deste caderno e na folha de respostas.
- ◆ Quando for permitido abrir o caderno, verifique se está completo ou se apresenta imperfeições. Caso haja algum problema, informe ao fiscal da sala.
- ◆ Leia cuidadosamente todas as questões e escolha a resposta que você considera correta.
- ◆ Marque, na folha de respostas, com caneta de tinta preta, a letra correspondente à alternativa que você escolheu.
- ◆ A duração da prova é de 3 horas e 30 minutos, já incluído o tempo para o preenchimento da folha de respostas.
- ◆ Só será permitida a saída definitiva da sala e do prédio após transcorridos 75% do tempo de duração da prova.
- ◆ Ao sair, você entregará ao fiscal a folha de respostas e este caderno, podendo levar apenas o rascunho de gabarito, localizado em sua carteira, para futura conferência.
- ◆ Até que você saia do prédio, todas as proibições e orientações continuam válidas.

AGUARDE A ORDEM DO FISCAL PARA ABRIR ESTE CADERNO DE QUESTÕES.

Nome do candidato _____

RG _____

Inscrição _____

Prédio _____

Sala _____

Carteira _____

CONHECIMENTOS GERAIS

LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto para responder às questões de números **01** a **06**.

Ao longo de todo o ano passado, assistentes sociais municipais abordaram cerca de 105,3 mil pessoas nas calçadas da cidade de São Paulo. Esse número é 66% maior do que a quantidade de pessoas abordadas na mesma situação em 2016, quando foram contabilizados 63,2 mil indivíduos, e 88% acima da de 2015.

O número de indivíduos abordados não representa a quantidade de pessoas que vive de fato nas ruas. Entre os abordados há, por exemplo, moradores da periferia que passam dias e noites vivendo nas calçadas da região central em busca de doações, mas em parte do mês retornam a suas casas, pessoas que estão de passagem pela cidade, entre outras situações.

O cálculo oficial de moradores de rua na capital paulista está defasado, uma vez que é feito a cada quatro anos pela prefeitura por meio da contratação de um censo específico. O levantamento mais recente é de 2015, quando foram contabilizados cerca de 15 mil moradores de rua. Naquele ano, foram abordados 56,1 mil indivíduos.

Com a **crise** econômica que já dura cinco anos, mudou também a **motivação** principal que leva as pessoas à rua. Os conflitos familiares, que, em 2018, apareciam em primeiro lugar como motivo mais frequente para permanecer nas ruas, foram ultrapassados pelo desemprego, que figura como a explicação mais comum dada pelas pessoas abordadas.

A consolidação de São Paulo como destino de imigrantes em busca de melhores condições representa outra camada no cenário social devastador da cidade. Ao longo do ano passado, mais de 260 estrangeiros foram abordados como moradores de rua. Migrantes também engordam as estatísticas. Entre os abordados pelos assistentes sociais que informaram origem, metade veio de fora da capital, apesar de o estado ser citado pela maioria como local de origem. Os outros estados mais citados são Bahia, Minas Gerais, Pernambuco e Paraná.

(Mariana Zylberkan. "Em dois anos, SP vê salto de 66% de pessoas abordadas vivendo nas ruas". www1.folha.uol.com.br, 22.06.2019. Adaptado)

- 01.** De acordo com informações presentes no texto, pode-se afirmar que, em São Paulo,
- (A) os assistentes sociais da cidade abordam pessoas que estão nas calçadas, mas estas não são, necessariamente, o que a notícia chama de moradores de rua.
 - (B) os motivos que levam as pessoas a viverem nas ruas mudaram de uns anos para cá, devido às relações familiares que pioraram.
 - (C) a crise econômica tem sido agravada pelo aumento de pessoas que passam a viver nas calçadas, aumentando assim os índices de violência.
 - (D) enquanto na capital paulista a maioria dos moradores de rua é fruto da crise econômica, a violência familiar tem maior peso nos demais estados pesquisados.
 - (E) pessoas que estão passando por São Paulo, muitas vezes, ficam dias e noites nas calçadas até conseguirem um emprego para saírem dessa situação.
- 02.** Os vocábulos **crise** e **motivação**, em destaque no 4º parágrafo, apresentam como antônimo e sinônimo, respectivamente, no contexto em que se encontram:
- (A) acaso e efeito.
 - (B) desventura e motivo.
 - (C) depressão e consequência.
 - (D) prosperidade e causa.
 - (E) êxito e necessidade.
- 03.** No contexto, é empregado em sentido figurado o vocábulo destacado em:
- (A) ... assistentes sociais municipais abordaram cerca de 105,3 mil pessoas nas **calçadas** da cidade de São Paulo. (1º parágrafo)
 - (B) O número de **indivíduos** abordados não representa a quantidade de pessoas que vive de fato nas ruas. (2º parágrafo)
 - (C) Entre as abordagens há, por exemplo, moradores da **periferia** que passam dias e noites vivendo nas calçadas da região central em busca de doações... (2º parágrafo)
 - (D) O **levantamento** mais recente é de 2015, quando foram contabilizados cerca de 15 mil moradores de rua. (3º parágrafo)
 - (E) ... mais de 260 estrangeiros foram abordados como moradores de rua, e migrantes também **engordam** as estatísticas. (5º parágrafo)

04. Assinale a alternativa em que o acréscimo de uma vírgula antes do vocábulo **que** mantém a correção gramatical da frase.

- (A) Esse número é 66% maior do que a quantidade de pessoas abordadas na mesma situação em 2016...
- (B) O número de indivíduos abordados que vive de fato nas ruas não representa o contingente real dessa população.
- (C) O cálculo oficial de moradores de rua na cidade está defasado, uma vez que é feito a cada quatro anos pela prefeitura...
- (D) Com a crise econômica que já dura cinco anos, mudou também a motivação principal...
- (E) Entre aqueles abordados pelos assistentes sociais, sabe-se que metade veio de fora da cidade...

05. Considere a passagem do texto:

“Entre os abordados há, por exemplo, moradores da periferia que passam dias e noites vivendo nas calçadas da região central em busca de doações, mas em parte do mês retornam a suas casas, pessoas que estão de passagem pela cidade, entre outras situações.” (2º parágrafo)

Nessa passagem, o seguinte vocábulo expressa sentido de **direção**:

- (A) nas
- (B) em
- (C) a
- (D) de
- (E) pela

06. Encontra-se em conformidade com as ideias presentes no texto e com a norma-padrão a frase:

- (A) Os cálculos de 2018 são uma estimativa com base no levantamento feito por assistentes sociais, logo a quantidade de moradores de rua é acurada.
- (B) Mesmo que o estado de São Paulo tenha sido citado nas abordagens como o local de origem de metade das pessoas, a outra metade veio de outros estados.
- (C) O número de moradores de rua tem aumentado num ritmo acelerado e por diversos motivos porque a prefeitura faz o censo de quatro em quatro anos.
- (D) Algumas pessoas, embora estejam nas calçadas do centro, na verdade residem na periferia, para onde voltam de tempos em tempos.
- (E) Uma vez que o desemprego figura como o motivo mais frequente para as pessoas estarem nas ruas, os conflitos familiares ainda aparecem entre as explicações mais comuns.

Leia o texto para responder às questões de números 07 a 10.

Um dia vou contar numa crônica a lenta agonia do meu gato amazonense quando tive de me separar dele para viver em São Paulo. Agora a história é outra: um cachorro...

Um cão de raça, com pedigree, como se diz. Forte, belo, musculoso, de pelagem castanha, focinho altivo e dentes perfeitos. Um príncipe de quatro patas.

Uma corrente de aço amarrava-o a um poste, enquanto o dono, que comprava brioches numa das boas padarias afrancesadas de São Paulo, andava livremente.

Gania como um louco. Às vezes parecia chorar de dor, saudade, solidão ou desamparo. Dava dó. E o dono demorava. Então os transeuntes se apresentaram. Paravam perto do poste, admiravam a beleza do animal e se condoíam com o sofrimento alheio. Alguém se revoltou com tamanha insensibilidade do dono. Uma mulher se agachou, murmurou palavras ternas ao pobre bicho, acariciou-o com dedos cheios de anéis. Esse gesto comoveu o mundo.

Enfim, ele apareceu à porta da padaria. É natural que o cão tenha sido o primeiro a farejar a presença de seu dono; os transeuntes abriram-lhe passagem, e o reencontro foi um alvoroço, uma festa diurna. “Ele é mimado”, disse o dono, como se falasse de um filho.

O pelourinho foi banido, e o poste readquiriu sua função de poste. Solto e livre como um verdadeiro cidadão, o cachorro saltou de alegria, enchendo a manhã de esperança; depois, ele e outros bichos foram o centro da conversa. É uma dádiva que, num domingo ensolarado, o assunto não seja política.

A calçada ficou quase deserta. Um homem a poucos metros do poste permaneceu na mesma posição. É um negro desempregado. Nesse domingo de Ramos ele é também um mendigo. O animal roubou-lhe a atenção, mas o homem ainda mantinha seus gestos. Sentado e com a mão espalmada, o homem pede uma moeda ou restos de comida.

Outro dia, bem cedo, passei pela calçada da padaria e lá estava o homem. Uma roda de curiosos o observava. Sentado no mesmo lugar, mãos e braços caídos. Morto. Desde quando? Continuei meu passeio fútil. E perguntei a mim mesmo, com curiosidade, por onde andaria aquele belo cachorro.

(Milton Hatoum. “Domingo sem cachorro”.
<http://terramagazine.terra.com.br>, 17.04.2006. Adaptado)

07. Segundo o texto,

- (A) toda a admiração pelo cão e o alvoroço feito por transeuntes não teriam sido os mesmos se o animal não tivesse o porte que apresentava.
- (B) atribui-se ao animal algumas características que normalmente são comuns apenas à espécie humana, em contraste com a atenção que o desempregado à porta da padaria recebia.
- (C) o autor se comoveu com a situação do homem à porta da padaria, restando tal fato evidente ao final da crônica.
- (D) a maneira como o dono do cão tratava o seu animal e a ele se referia revoltou os transeuntes que ainda discutiram o ocorrido depois que os dois se foram.
- (E) o homem desempregado que se encontrava do lado de fora da padaria não se deu conta do sofrimento do animal, haja vista a sua própria situação de penúria.

08. Nos parênteses, encontra-se expressão equivalente ao trecho antecedente sem prejuízo da norma-padrão quanto ao emprego e à colocação dos pronomes:

- (A) o dono, que comprava brioches (o dono, que comprava-lhes)
- (B) todos admiravam a beleza do animal (todos admiravam-a)
- (C) murmurou palavras ternas ao pobre bicho (murmurou-lhe palavras ternas)
- (D) é uma dádiva que não falem de política (é uma dádiva que não fale-se de política)
- (E) o homem ainda mantinha seus gestos (o homem ainda mantinha-os)

09. Assinale a alternativa que apresenta concordância nominal e verbal correta.

- (A) Os transeuntes intervêm quando veem um animal de estimação em apuros.
- (B) Não se encontram cachorros e gatos em zoológicos, por mais exótico que sejam.
- (C) O faro dos cachorros lhe conferem a capacidade de saber quando o dono se aproxima.
- (D) Algumas pessoas pagam muito mais caros por raças de cachorros que estão na moda.
- (E) O resgate de animais abandonados é motivado pela compaixão de muitos voluntários.

10. Quanto à ocorrência do acento indicativo de crase, assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da frase a seguir:

A população assiste, indiferente, _____ pessoas que vivem _____ margem da sociedade, alegando que cabe _____ prefeituras fazer algo _____ respeito.

- (A) às ... à ... a ... a
- (B) às ... a ... às ... a
- (C) as ... a ... a ... à
- (D) às ... a ... as ... à
- (E) as ... à ... à ... à

11. O ambiente do Microsoft Windows 7, em sua configuração padrão, disponibiliza um recurso para o armazenamento temporário de pequenas quantidades de dados. O nome desse recurso, destinado à rápida troca de informações entre documentos ou aplicativos, é

- (A) Área de Transferência.
- (B) Área de Tarefas.
- (C) Painel de Controle.
- (D) Painel de Trabalho.
- (E) Painel de Seleção.

12. Os ícones mostrados a seguir estão disponíveis nas guias do programa MS-Word 2010, em sua configuração padrão:



Assinale a alternativa que relaciona os identificadores dos ícones que, após a seleção do texto desejado, respectivamente, permitem aos usuários: copiar o texto, definir a cor do texto e limpar a formatação do texto.

- (A) I, II e III.
- (B) I, III e II.
- (C) II, I e III.
- (D) II, III e I.
- (E) III, I e II.

13. Assinale a alternativa que contém o valor obtido quando a expressão =NÚM.CARACT(A3)*A1 for digitada na célula B6 da planilha da figura, que está sendo elaborada com o MS-Excel 2010, em sua configuração padrão.

	A	B
1	8	
2	21	
3	927	
4	1123	
5	59	
6		

- (A) 21
- (B) 24
- (C) 28
- (D) 59
- (E) 70

14. O programa MS-PowerPoint 2010, em sua configuração padrão, possui recursos para definir a direção do texto de um *slide* da apresentação. O botão que deve ser acionado para ativar esse recurso é o botão



- (A) I.
 (B) II.
 (C) III.
 (D) IV.
 (E) V.
15. A Internet disponibiliza grande quantidade de informações por meio de inúmeros sites. Para encontrar uma informação de seu interesse, um usuário da Internet pode utilizar um Buscador ou Site de Busca. Buscadores são sites que operam programas de computador que procuram informações contidas nas páginas de outros sites da Internet, baseando-se em palavras informadas pelo usuário.

Assinale a alternativa que contém apenas sites de busca de informações em operação na Internet.

- (A) Achei e AltaLista.
 (B) Baidu e King.
 (C) DuckTale e Yuppie.
 (D) Google e Yahoo.
 (E) Ping e Bing.

16. A autonomia profissional dos docentes desenvolve-se, de forma consciente e explícita, no contexto das relações, de proximidade e distância, com a sociedade variada e complexa. Com relação à autonomia profissional, Contreras (2002) apresenta três modelos de professores, sendo que o modelo de profissional intelectual crítico, em seu compromisso com a comunidade,

- (A) busca a negociação e o equilíbrio entre os diferentes interesses sociais, interpretando seu valor e mediando política e prática entre eles.
 (B) defende os valores para o bem comum (justiça, igualdade etc.), participando de movimentos sociais pela democratização.
 (C) luta pela despolitização da prática docente, aceitando as metas do sistema e preocupando-se com a eficácia e a eficiência em sua atividade.
 (D) prioriza a pesquisa e a reflexão sobre sua prática docente, envolvendo-se de forma comedida nas questões sociais que interferem em sua atuação.
 (E) recorre aos recursos técnicos disponíveis para solucionar os problemas profissionais e alcançar os resultados esperados pela população.

17. É função dos professores ajudar os alunos a relacionarem significativamente as normas a determinadas atitudes que se pretende que desenvolvam em situações concretas (no trabalho em grupo, nos espaços comuns da escola etc.). Com relação à intervenção na construção das atitudes dos alunos, conforme Coll (1999), os professores podem

- (A) adotar uma postura mais severa, sugerindo à equipe gestora que crie mecanismos de observação em tempo real do comportamento dos estudantes indisciplinados.
 (B) facilitar a participação e o intercâmbio entre alunos e alunas para debater opiniões e ideias sobre os diferentes aspectos que dizem respeito à sua atividade na escola.
 (C) requisitar à direção que sejam transferidos da escola os alunos que não estão dispostos a obedecer as normas internas da instituição, a fim de que a penalidade iniba os demais.
 (D) solicitar a presença, na escola, dos pais ou responsáveis pelos estudantes e cobrar deles que adotem posturas mais rigorosas com os filhos em casos de desrespeito às normas vigentes.
 (E) sugerir a inclusão de penalidades no regimento escolar, as quais coibam o descumprimento de normas estabelecidas pela direção para o bom andamento das atividades educativas.

18. Com relação ao papel da escolarização no processo de conceitualização, Fontana (1996) apresenta uma distinção entre as interações cotidianas e as interações escolarizadas. Para a autora, nas interações cotidianas,
- (A) a criança é colocada diante da tarefa particular de “entender” as bases dos sistemas de concepções científicas.
 - (B) a relação da criança com o conceito é sempre mediada por algum outro conceito dentro do assunto discutido.
 - (C) a mediação do adulto acontece espontaneamente no processo de utilização da linguagem, no contexto das situações imediatas.
 - (D) o adulto aborda conceitos sistematizados, que são parte de sistemas explicativos organizados dentro de uma lógica socialmente construída.
 - (E) o adulto, deliberadamente, compartilha com a criança sistemas conceituais instituídos, induzindo-a a utilizar-se das operações intelectuais.

19. Como método de ensino, a exposição lógica da matéria continua sendo um procedimento necessário, desde que o professor consiga mobilizar a atividade interna do aluno de concentrar-se e de pensar, e a combine com outros procedimentos, como o trabalho independente, a conversação e o trabalho em grupo. Entre as formas de exposição, segundo Libâneo (2013), a _____ é uma forma de apresentação gráfica de fatos e fenômenos da realidade, por meio de gráficos, mapas, esquemas, gravuras etc., a partir dos quais o professor enriquece a explicação da matéria.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto.

- (A) ilustração
 - (B) transmissão
 - (C) conversação
 - (D) demonstração
 - (E) exemplificação
20. A avaliação é um ato pedagógico. Nela, conforme Libâneo (2013), o professor mostra as suas qualidades de educador na medida em que
- (A) compreende que avaliar é unicamente atribuir notas e classificar os alunos de acordo com uma escala de proficiência previamente estabelecida para medir o desempenho de cada um.
 - (B) dispensa verificações parciais no decorrer das aulas para confiar em seu “olho clínico”, identificando por intuição os alunos que aprendem rápido e os que têm dificuldades.
 - (C) rejeita as medidas quantitativas de aprendizagem em favor de dados qualitativos, considerando que as provas de escolaridade são prejudiciais ao desenvolvimento autônomo dos alunos.
 - (D) trabalha sempre com propósitos definidos em relação ao desenvolvimento das capacidades físicas e intelectuais dos alunos face às exigências da vida social.
 - (E) utiliza os resultados como uma forma de recompensa aos bons alunos e de punição para os que se mostraram desinteressados ou indisciplinados nas aulas.

21. Segundo Libâneo (1985), na pedagogia _____, o trabalho docente visa a modificar no ser humano aquilo que é suscetível de educação, levando em conta a atividade humana transformadora, a partir de relações econômicas e históricas.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto.

- (A) liberal
 - (B) tecnicista
 - (C) renovada
 - (D) tradicional
 - (E) crítico-social
22. Mediada pelas tecnologias digitais de informação e comunicação, a aprendizagem colaborativa ou cooperativa emerge na sociedade do conhecimento como alternativa promissora para a construção de interações pedagógicas capazes de atender às novas demandas advindas das novas formas de relacionamento, percepção da realidade e produção de conhecimento. Segundo Queiroz e Moita (2007), na aprendizagem colaborativa, o conhecimento é visto como uma construção social e, por isso, o processo educativo
- (A) acontece quando a escola assume o papel de formadora de opinião em ambientes virtuais, instruindo os educandos a pensar corretamente.
 - (B) concretiza-se na exposição sistemática de conteúdos educativos significativos para os estudantes.
 - (C) é favorecido pela participação social em ambientes que propiciem a interação, a colaboração e a avaliação.
 - (D) implica uma renovação dos métodos de ensino utilizados pelos docentes, incorporando-se computadores e projetores às aulas.
 - (E) ocorre por meio da transmissão e do acúmulo da informação em ambientes digitais de armazenamento de dados.

23. O projeto político-pedagógico é a expressão da autonomia da escola no sentido de formular e executar sua proposta de trabalho. Conforme Neves (In: Veiga, 1996), o projeto político-pedagógico
- (A) constitui-se de ações esparsas ou manifestações mais ou menos justapostas, que ajudam a escola a desenvolver suas ações educativas e alcançar seus objetivos.
 - (B) é uma carta de intenções educativas ou um manifesto cujo caráter abstrato torna, em alguns casos, muito difícil sua implementação, mas continua válido como um ideal a ser alcançado.
 - (C) explicita uma filosofia e harmoniza as diretrizes da educação nacional com a realidade da escola, traduzindo sua autonomia e definindo seu compromisso com a clientela.
 - (D) representa a reflexão de um responsável hierárquico, isto é, um diretor da escola ou supervisor de ensino, e precisa ser acatado como documento legal norteador das ações educativas.
 - (E) surge como uma obrigação administrativa, uma exigência do sistema, e, por isso mesmo, acaba sendo pouco relevante para a melhoria da qualidade da educação.
24. Em sua obra *A função social da escola*, Arêas afirma que é indispensável à escola
- (A) adotar uma gestão com decisões centralizadas na direção e na coordenação.
 - (B) aliar o saber científico ao saber prévio dos alunos (saber popular).
 - (C) fazer com que o saber seja passivamente apropriado pelos alunos.
 - (D) garantir as funções de classificação dos postulantes aos futuros empregos.
 - (E) transmitir o saber acumulado pela humanidade e sistematizado pelos pesquisadores.
25. O trabalho por projetos envolve um processo de construção, participação, cooperação, noções de valor humano, solidariedade, respeito mútuo, tolerância e formação da cidadania tão necessários à sociedade emergente. Segundo Moura (*Pedagogia de Projetos*), trabalhar com projetos possibilita
- (A) a condução, pelos docentes, do processo de aprendizagem, direcionando as atividades dos alunos.
 - (B) o resgate do educando para o processo de ensino-aprendizagem (conhecimento) através de um processo significativo.
 - (C) a realização do ensino baseado na segmentação do conhecimento em diferentes disciplinas, possibilitando o aprofundamento dos assuntos.
 - (D) o desenvolvimento da capacidade de memorização e reprodução de conteúdos repassados pelos docentes.
 - (E) a recuperação do método expositivo como forma privilegiada de transmissão de informações em sala de aula.
26. Para a inclusão de todas as crianças, são necessárias mudanças na organização escolar e na formação de professores e a remoção de barreiras atitudinais. Nesse sentido, conforme Mantoan (2001), é preciso
- (A) adaptar o currículo e ajudar os alunos deficientes durante a realização de suas avaliações.
 - (B) desenvolver um ensino individualizado para os alunos com *deficits* intelectuais.
 - (C) facilitar as atividades a alguns alunos, prevendo as dificuldades que possam encontrar para realizá-las.
 - (D) garantir tempo para que todos os alunos aprendam e reprovar a ideia de repetência.
 - (E) segmentar os atendimentos dentro da escola, criando salas de reforço escolar.
27. Conforme a Resolução CNE/CEB nº 04/2010, art. 13, assumindo como referência os princípios educacionais garantidos à educação, o currículo configura-se como o conjunto de
- (A) dados e conteúdos eleitos por uma sociedade como os mais significativos para a formação integral do educando, devendo, portanto, ser priorizados pela educação.
 - (B) informações necessárias e úteis para o convívio em sociedade de forma harmoniosa, objetivando-se o bem-estar dos indivíduos e a construção de uma nação com uma cultura homogênea.
 - (C) valores e práticas que proporcionam a produção, a socialização de significados no espaço social e contribuem intensamente para a construção de identidades socioculturais dos educandos.
 - (D) experiências que os alunos trazem consigo e o conjunto de saberes que o professor transmite a eles como forma de complementação dessa bagagem cultural indispensável ao ser humano.
 - (E) princípios e normas que contribuem para a construção ética do indivíduo, considerando-se o papel da escola na formação de um cidadão que se adéque aos papéis sociais que dele se exige.
28. De acordo com a Lei Federal nº 9.394/96, artigo 12, informar pai e mãe e, se for o caso, os responsáveis legais sobre a frequência e rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola, é uma incumbência dos
- (A) docentes.
 - (B) dirigentes de ensino.
 - (C) conselheiros tutelares.
 - (D) supervisores de ensino.
 - (E) estabelecimentos de ensino.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

29. Com relação aos servidores nomeados em virtude de concurso público, conforme a Lei Orgânica do Município de Cerquillo/SP, artigo 109, é correto afirmar que o servidor público
- (A) estável, pertencente ao quadro do magistério, será advertido ou pagará multa em caso de desconsideração das orientações pedagógicas advindas da equipe gestora da unidade escolar onde trabalha.
 - (B) tornar-se-á estável após um ano de efetivo exercício e mediante aprovação em avaliação feita pela equipe gestora durante o período probatório.
 - (C) estável, mediante denúncia de má conduta feita por pais ou responsáveis pelo aluno, perderá o cargo público.
 - (D) ocupante da vaga que era de outro servidor estável demitido, se for reconduzido ao seu cargo de origem por quaisquer razões, receberá indenização pelo constrangimento sofrido com a recondução.
 - (E) estável, extinto o cargo ou declarada sua desnecessidade, ficará em disponibilidade, com remuneração proporcional, até seu adequado aproveitamento em outro cargo.
30. Para alcançar a meta de universalizar o ensino fundamental de 9 (nove) anos para toda a população de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos e garantir que pelo menos 95% (noventa e cinco por cento) dos alunos concluam essa etapa na idade recomendada (Meta 2), o Plano Nacional de Educação estabelece, como uma das estratégias,
- (A) garantir a fruição de bens e espaços culturais, de forma regular, bem como a ampliação da prática desportiva, integrada ao currículo escolar.
 - (B) assegurar a oferta de educação inclusiva, vedada a exclusão do ensino regular sob alegação de deficiência e promovida a articulação pedagógica entre o ensino regular e o atendimento especializado.
 - (C) implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito ou quaisquer formas de discriminação, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão.
 - (D) incentivar a participação dos pais ou responsáveis no acompanhamento das atividades escolares dos filhos por meio do estreitamento das relações entre as escolas e as famílias.
 - (E) promover a formação inicial e continuada dos(as) profissionais da educação infantil, garantindo, progressivamente, o atendimento por profissionais com formação superior.

31. A historiografia brasileira tradicional, pautada na concepção positivista, que privilegiou a ação dos “heróis nacionais”, em detrimento de outros sujeitos históricos, teve respaldo na política de preservação patrimonial em nosso país. Elegemos, no decorrer da História, os bens culturais representativos dos segmentos dominantes, sobretudo os ligados ao elemento de origem europeia, e relegamos ao esquecimento a contribuição de outros segmentos étnicos na formação da cultura brasileira.

[Ricardo Oriá. Memória e ensino de história.

Em Circe Bittencourt (org). *O saber histórico na sala de aula*]

Segundo o fragmento citado, é correto afirmar que

- (A) as classes dominantes brasileiras buscaram, através da valorização de toda a diversidade étnica brasileira, considerar na escolha dos patrimônios a valorização da pluralidade do país.
- (B) a formação do patrimônio histórico nacional, na maioria das vezes, acompanha uma perspectiva histórica, que prioriza a visão eurocêntrica e branca em detrimento de outros sujeitos históricos.
- (C) a relação entre o patrimônio nacional e o estudo da História é inexistente na perspectiva positivista, uma vez que a valorização de outros segmentos étnicos constitui a base dessa concepção.
- (D) os historiadores positivistas brasileiros compreenderam, ainda no início do século XX, que as contribuições negras e indígenas deveriam ser consideradas na escolha dos bens culturais nacionais.
- (E) o ensino sobre o patrimônio histórico brasileiro deve priorizar os chamados “heróis nacionais”, como forma de valorizar segmentos historicamente marginalizados pela memória oficial do Brasil.

32. Para além de certa vertigem populista, a História Cultural procura hoje revisitar o lado mais fraco da produção da cultura: o da recepção anônima da cultura ordinária da criatividade (ou passividade) das pessoas comuns. O que temos então é o deslocamento do foco da análise cultural do campo da produção para o campo da recepção, do consumo ou dos chamados usos sociais da imagem. O foco analítico se desloca para acompanhar como as inovações tecnológicas da mídia (rádio, televisão, videocassete, multimídia, etc) se inserem no cotidiano improvisado dos grupos sociais, como se dá a relação dos receptores com essas formas culturais eletrônicas ou como interagem “textos” e “leitores”.

[Elias Thomé Saliba. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. Em Circe Bittencourt (org). *O saber histórico na sala de aula*]

A respeito da discussão feita pelo autor, sugere-se, entre outros pontos, que

- (A) o foco de análise da História Cultural, em um contexto de grande disseminação e produção de informação em diferentes suportes, deve considerar a recepção e a interação desse conteúdo por diversos grupos sociais.
- (B) o foco analítico dos estudiosos da História da Cultura deve se ater aos produtores de conteúdos informativos nas plataformas virtuais de comunicação, ao invés de considerar os receptores desses conteúdos.
- (C) as inovações tecnológicas não transformaram o campo de estudo da História Cultural, uma vez que, por conta dessas inovações, não houve modificação na forma de interação entre o emissor e o receptor.
- (D) a vertigem populista da História Cultural direcionou o foco analítico para a produção de informação, vista como um exemplo de manipulação por parte de grandes grupos midiáticos.
- (E) o enfoque analítico da História Cultural, em um contexto de disseminação da informação em plataformas colaborativas, que reproduz de forma populista e superficial, a relação entre o produtor e o receptor da informação.

33. Ao utilizar-se do filme no processo de ensino, ainda acreditado que todo o esforço do professor de humanidades deve ser no sentido de mostrar à maneira do conhecimento histórico – *o filme também é produzido*, também ele irradia um processo de pluralização de sentidos ou de verdades – e, da mesma forma que na História, o filme é *uma construção imaginativa que necessita ser pensada e trabalhada interminavelmente*.

[Elias Thomé Saliba. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. Em Circe Bittencourt (org). *O saber histórico na sala de aula*]

A partir do excerto, é correto afirmar que o professor em sala de aula deve considerar que

- (A) o estudante deve ser instruído a considerar os diversos filmes como um elemento factual do processo ou fato histórico estudado, uma vez que o cinema é a representação social de um período determinado.
- (B) independentemente de suas escolhas didáticas, o professor precisa considerar que os filmes carregam sentidos uniformes e singulares, nos quais o estudante deve se inspirar.
- (C) o uso de diversos recursos didáticos, como os filmes, precisam ser devidamente contextualizados e inseridos em sala de aula de forma problematizada e intencional.
- (D) a construção imaginativa a partir do uso de filmes em sala de aula deve considerar a permanência de sentidos, que todo processo histórico carrega ao longo dos acontecimentos.
- (E) a historiografia contemporânea entende que o estudo e análises de filmes em sala de aula precisa considerar o aspecto unitário e pragmático que a linguagem cinematográfica costuma representar.

34. Dessa maneira não basta apresentar os objetos em uma sequência que só faz sentido para o pesquisador das áreas de História, Arqueologia e Etnologia, pois, neste momento – que já não é mais o da preocupação da pesquisa básica dessas áreas –, os objetos devem estar reunidos para produzirem um discurso museográfico inteligível para os leigos, através dos documentos materiais ali apresentados.

[Adriana Mortara Almeida e Camilo de Mello Vasconcellos.
Por que visitar museus. Em Circe Bittencourt (org).
O saber histórico na sala de aula]

De acordo com o fragmento em questão, é correto afirmar que a visita aos museus é

- (A) um recurso didático que deve ser utilizado excepcionalmente pelo professor de história, uma vez que, normalmente os materiais exibidos nesses espaços são de uso restrito de especialistas no assunto.
 - (B) uma inovação metodológica alinhada aos recentes estudos da História Temática que, por sua vez, busca priorizar os saberes da Arqueologia e da Etnologia em detrimento do estudo da História.
 - (C) algo superado metodologicamente, a partir de concepções inovadoras sobre os estudos de campo, que sugerem a extinção de visitas a espaços ultrapassados, como os museus e institutos de artes.
 - (D) um importante recurso didático, desde que o discurso museográfico sugerido em diferentes contextos e espaços seja traduzido de acordo com a intenção do estudo para diferentes públicos e faixas etárias.
 - (E) uma técnica de estudo criada por especialistas com o intuito de considerar a especificidade da Etnologia, restrita aos museus, como exemplo de preocupação básica de pesquisas.
35. Podemos dizer que todos esses documentos são obras humanas, não sendo possível, segundo Bakhtin, lê-los ou compreendê-los como simples objetos ou coisas que exemplificam contextos. Nos documentos existem sujeitos que falam e que constroem sentidos específicos para a realidade retratada, através de estilos comuns às suas épocas, de formas, de contornos e de materialidades que são, simultaneamente, originais.

[Antonia Terra. História e dialogismo. Em Circe Bittencourt (org).
O saber histórico na sala de aula]

A partir do excerto e do artigo, é correto afirmar que

- (A) o sentido original dos documentos não sofre mudanças ao longo do processo histórico e de interação dos sujeitos em diferentes contextos.
- (B) os documentos para os estudiosos da História precisam ser analisados exclusivamente pelos sujeitos sociais do período em que foi produzido.
- (C) os documentos para Bakhtin são caracterizados por sentidos uniformes independentemente das inúmeras leituras feitas no presente ou posteriormente.
- (D) os documentos analisados por Bakhtin devem ser considerados como uma realidade retratada que exemplifica um contexto estabilizado em seu sentido.
- (E) os documentos devem ser considerados simultaneamente originais e mutáveis a partir da interferência dos sujeitos em constante diálogo através do tempo.

36. Assim, o papel do livro didático na vida escolar pode ser o de instrumento de reprodução de ideologias e do saber oficial imposto por determinados setores do poder e pelo Estado. É necessário enfatizar que o livro didático possui vários sujeitos em seu processo de elaboração e passa pela intervenção de professores e alunos que realizam práticas diferentes de leitura e de trabalho escolar.

[Circe Bittencourt. Livro didático entre textos e imagens.
Em Circe Bittencourt (org). *O saber histórico na sala de aula*]

O excerto sugere que o livro didático para o ensino de História deve

- (A) se ater aos fatos ali narrados e representados a partir da premissa de que a produção didática em História conta com a imparcialidade e reprodução dos fatos de maneira neutra.
 - (B) buscar teorias universalistas e críticas da História com o objetivo de realizar práticas inovadoras de ensino e aprendizagem na vida escolar a partir das ferramentas tecnológicas.
 - (C) ser um disseminador de ideologias oficiais, facilmente assimiladas e replicadas por estudantes e professores de acordo com a intenção dos governos estaduais e municipais.
 - (D) ser evitado para que os estudantes e professores tenham a liberdade de produzir sua própria versão para os fatos históricos sem qualquer imposição doutrinária do governo.
 - (E) proporcionar a interação de diferentes sujeitos, que elaboram diferentes interpretações para a obra, considerando as relações de poder presentes em contextos diversos.
37. As mudanças têm sido importantes para fazer com que os alunos passem da análise, observação e descrição do documento para uma fase em que este sirva para introduzi-lo no método histórico. Outro aspecto a destacar é que tais mudanças podem levar à superação da compreensão do documento como prova do real, para entendê-lo como documento figurado, como ponto de partida do fazer histórico na sala de aula. Isso pode ajudar o aluno a desenvolver o espírito crítico, reduzir a intervenção do professor, e diminuir a distância entre a história que se ensina e a história que se escreve.

[Maria Auxiliadora Schmidt. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. Em Circe Bittencourt (org).
O saber histórico na sala de aula]

De acordo com o excerto em destaque, é correto afirmar que

- (A) os documentos para o ensino e o fazer histórico devem ser considerados como ponto de partida e não como verdade absoluta para as análises históricas.
- (B) o estudo com base em documentos, independentemente da metodologia empregada, não é suficiente para desenvolver o espírito crítico dos estudantes.
- (C) o trabalho com documentos exige a superação da distância entre o ensinar e o escrever a história, uma vez que todo documento deve ser entendido como prova do real.
- (D) a formação dos estudantes de história exige dos professores o ensino rigoroso do aspecto realista que todo documento representa em diferentes contextos.
- (E) qualquer documento através do método histórico deve ser considerado como a representação literal de um período, uma vez que retrata a realidade estudada.

38. A lista de conteúdos, sua distribuição pelas séries da escola secundária, as orientações para o trabalho pedagógico elaboradas pelas instituições educacionais durante o período Vargas e expressas nas Orientações Metodológicas (parte importante dos Programas) traduziam a preocupação oficial e as discussões que perpassavam os meios intelectuais brasileiros. Mais do que isso, eram um instrumento ideológico para a valorização de um corpus de ideias, crenças e valores centrados na unidade de um Brasil, num processo de uniformização no qual o sentimento de identidade nacional permitisse o ocultamento da divisão social e a direção das massas pelas elites.

[Katia Abud. Currículos de História e Políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária. Em Circe Bittencourt (org). *O saber histórico na sala de aula*]

O excerto sugere que, no período Vargas,

- (A) o currículo era a continuação de um projeto colonial para a educação que priorizava a perspectiva positivista da História.
- (B) existia uma relação entre as políticas públicas para a educação e a organização curricular atrelada à ideologia do regime vigente.
- (C) o projeto de unidade e identidade nacional foi exitoso, a ponto de o governo abrir mão de uma intervenção curricular.
- (D) o governo evitou ideologizar o currículo, mantendo-o neutro e imparcial dentro das possibilidades daquele contexto histórico.
- (E) as instituições políticas responsáveis pela organização curricular estavam livres para a elaboração de um programa de educação moderno.

39. Entre os procedimentos, é importante que aprendam a coletar informações em bibliografias e fontes documentais diversas; selecionar eventos e sujeitos históricos e estabelecer relações entre eles no tempo; observar e perceber transformações, permanências, semelhanças e diferenças; identificar ritmos e durações temporais; reconhecer autorias nas obras e distinguir diferentes versões históricas; diferenciar conceitos históricos e suas relações com contextos; e elaborar trabalhos individuais e coletivos (textos, murais, desenhos, quadros cronológicos e maquetes) que organizem estudos, pesquisas e reflexões.

(Brasil. Secretaria de ensino fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Vol. História. Brasília: MEC/SEF)

De acordo com os PCNs, é correto afirmar que

- (A) os estudantes precisam entender que o seu ensino e aprendizagem independem da metodologia empregada em seus estudos e análises, seja individual ou coletiva.
- (B) a quantidade de manuais e métodos de estudo para os estudantes do século XXI requer um treinamento incansável, para atingir as metas sugeridas pelos currículos.
- (C) os estudantes devem apreender a partir de diferentes perspectivas teóricas, sempre buscando os mais variados recursos e metodologias de aprendizagem.
- (D) os parâmetros curriculares nacionais foram elaborados com o intuito de impor padrões de ensino que sejam universais e significativos para todos os estudantes.
- (E) as pesquisas devem ocorrer, uma vez que a formação básica exige disciplina no estudo e memorização de informações, conforme ensinam esses manuais.

40. Assim, alicerçaram-se nesse ambiente duas formulações assaz arraigadas no imaginário brasileiro contemporâneo sobre o passado do país. Primeiramente, o mito de que o português é um povo “burro”, de onde derivam as milhares de piadas e anedotas, nas quais sempre aparece um luso estúpido, de raciocínio pífio e ilógico, que tem comportamento desviante e que chega sempre a conclusões estapafúrdias e burlescas. A segunda formulação sintetiza-se no tradicional bordão repetido pelo senso comum: “se o Brasil tivesse sido colonizado pelos ingleses...”, com variações que substituem os ingleses por holandeses e por franceses.

[Eduardo França Paiva. De português a mestiço: o imaginário brasileiro sobre a colonização e sobre o Brasil. Em Lana Mara de Castro Siman e Thais Nívia de Lima e Fonseca (org). *Inaugurando a História e construindo a nação*. Discursos e imagens no ensino de História]

De acordo com o excerto, é correto afirmar que

- (A) o imaginário brasileiro contemporâneo não contribui em nada para o estudo da História independentemente do tempo e espaço analisados.
- (B) as formulações acerca da inferioridade da colonização portuguesa em relação à holandesa são consensuais na atualidade a partir do revisionismo histórico.
- (C) independentemente do que acham os historiadores, o fato é que se o Brasil fosse colonizado por uma potência europeia, hoje seria um país de primeiro mundo.
- (D) o estudo da História deve considerar formulações presentes no imaginário brasileiro contemporâneo como elemento de análise e produção dos estudos historiográficos.
- (E) o comportamento desviante da Nova História passou a considerar as formulações sobre a colonização do Brasil, algo descartável para seus estudos.

41. Se, nas Minas Gerais, imperavam, desde longa data, “as tumultuosas ambições, desordens, prepotências e tiranias”, é possível afirmar que muitos dos inconfidentes, coparticipantes e gestores das estruturas de poder implantadas, não seriam completamente infensos a estes comportamentos e, portanto, também acumulavam e alimentavam seus próprios quinhões de ambição e prepotência. Não foram, nesse sentido, “generosos paladinos”, preocupados apenas com o interesse público ou, por outro lado, “feios, loucos e espantados”. Foram homens que existiram cotidiana e concretamente e, nessa dimensão deixaram alguns registros documentais que informam sobre aspectos substantivos de sua existência, os quais foram relativamente pouco explorados pela historiografia.

[João Pinto Furtado. Imaginando a nação: o ensino da história da Inconfidência Mineira na perspectiva da crítica historiográfica. Em Lana Mara de Castro Siman e Thais Nívia de Lima e Fonseca (org). *Inaugurando a História e construindo a nação*. Discursos e imagens no ensino de História]

De acordo com o excerto, é correto afirmar que a Inconfidência Mineira

- (A) é um campo ainda aberto para a exploração de novos estudos historiográficos.
- (B) é um exemplo para os chamados estudos contemporâneos da historiografia positivista.
- (C) esgotou-se em termos historiográficos diante da escassez documental sobre o assunto.
- (D) é o fato histórico mais importante da historiografia brasileira e que precisa ser exaltado.
- (E) representa um exemplo da historiografia brasileira de oposição dos participantes da revolta às ambições videntes na região.

42. Mapas e cartas são um poderoso instrumento de observação, uma fonte documental, cuja análise requer mais que o mero exercício de descrição de um quadro geográfico congelado no espaço físico. Essa moldura do mundo ou de partes dele é também a construção da imagem do espaço humano habitado, da moradia de homens e mulheres que estão sempre a erguer e reerguer uma imensa rede de relações historicamente objetivadas. Nessa medida, pode-se dizer que a cartografia, seja ela de que período histórico for, remete-nos, quase que instantaneamente, a questões ligadas a modelos de organização do espaço social saídos do interior de paradigmas previamente estabelecidos.

[Maria Eliza Linhares Borges. Cartografia, poder e imaginário: cartográfica portuguesa e terras de além-mar. Em Lana Mara de Castro Siman e Thais Nívia de Lima e Fonseca (org). *Inaugurando a História e construindo a nação*. Discursos e imagens no ensino de História]

De acordo com o excerto, a cartografia histórica é

- (A) a novidade do século XXI, que precisa ser aceita por todos os historiadores.
- (B) uma ferramenta para a Geografia, mas que não faz mais sentido para a História.
- (C) ultrapassada, na medida em que as inovações tecnológicas deixaram de representar modelos de organização do espaço social.
- (D) um instrumento metodológico restrito à descrição de fenômenos naturais.
- (E) um importante campo de estudos em diálogo interdisciplinar com a História.

43. Poucos historiadores hoje vivos são tão originais e poucos escrevem tão bem quanto ele e ainda menos compartilham de sua notável amplitude de interesses. Seu primeiro livro, *Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII* (1966), publicado quando tinha 27 anos de idade, já foi um trabalho extremamente polêmico e inovador. Foi, no entanto, *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição* (1976), o estudo da cosmologia de um moleiro do século XVI (também interrogado pela inquisição sob a acusação de heresia), que tornou esse historiador internacionalmente famoso.

Foi a partir dessa obra que, a despeito de seu horror por etiquetas, ele ficou conhecido como um dos líderes da chamada “micro-história”.

(Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. *As muitas faces da história*. Nove entrevistas. Adaptado)

O excerto faz referência ao historiador

- (A) Giovanni Levi.
- (B) Carlo Ginzburg.
- (C) François Dosse.
- (D) Maurice Agulhon.
- (E) Vincenzo Ferrone.

44. Embora os historiadores estejam naturalmente cientes de que os índices de mudança variam nas diferentes camadas ou setores da sociedade, o hábito e a conveniência mandam, em geral, que a forma de uma obra implique ou obedeça a um monismo cronológico. Vale dizer, seus materiais são tratados como se compartilhassem um ponto de partida comum e um mesmo ponto de chegada, abarcados por um único espaço de tempo. Neste estudo, não há tal meio temporal, uniforme: pois os tempos dos absolutismos mais importantes da Europa – oriental e ocidental – foram, precisamente, caracterizados por uma enorme diversidade, constitutiva ela mesma de sua natureza respectiva, enquanto sistemas estatais.

(Perry Anderson. *Linhagens do Estado absolutista*)

Como argumento para a tese apresentada, Perry Anderson mostra que

- (A) o absolutismo espanhol sofreu, nos Países Baixos, sua primeira grande derrota, o absolutismo inglês foi derrotado em meados do século XVII, e o absolutismo russo só foi derrubado no século XX.
- (B) durante a Idade Moderna, entre os séculos XV e XVIII, prevaleceram estruturas monárquicas nas quais o poder do soberano era diluído entre outras instituições políticas, como as Cortes portuguesas.
- (C) as práticas absolutistas foram menos centralizadoras do que se teorizou, visto que o poder dos reis durante o Mundo Moderno foi limitado por parlamentos e pelos privilégios da burguesia ascendente.
- (D) as monarquias efetivamente absolutas prevaleceram apenas no leste europeu, porque nesse espaço inexistiam mecanismos de controle sobre o poder do soberano, como os conselhos do rei.
- (E) a experiência da monarquia francesa durante a Idade Moderna constituiu-se no único ordenamento efetivamente absolutista porque todas as atribuições do Estado passavam pelas mãos do soberano.

45. O texto traz um recorte da entrevista com o historiador Quentin Skinner.

Gostaria de falar sobre aspectos dessa filosofia social que foram tremendamente importantes e valiosos para mim. O primeiro é o aspecto metodológico. Acredito que todos nós em nossa sociedade interiorizamos a essa altura um pressuposto fundamental dessa metodologia, isto é, que o ser social determina a consciência. Outro aspecto diz respeito à pertinência de seu diagnóstico social. Não se pode negar que ele nos forneceu vocabulário e conceitos explanatórios valiosos para falarmos sobre as relações sociais de qualquer sociedade, sem empregar seus conceitos específicos, como alienação e exploração.

(Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. *As muitas faces da história* – Nove entrevistas. Adaptado)

No texto, o entrevistado caracteriza o

- (A) empirismo.
- (B) ecletismo.
- (C) marxismo.
- (D) pós-modernismo.
- (E) positivismo.

46. O marco inaugural nas análises da cultura brasileira seria *Casa Grande & Senzala*, estampada em 1933. Fecho de um período do pensamento brasileiro, e início de outro, é [...] obra híbrida de tradição e inovação, em muitos pontos nostálgica de um Brasil que chegava ao fim – o de antes de 1930, visto por Gilberto Freyre de forma análoga à *douceur de vivre* que coloriu certas análises saudosistas do Antigo Regime francês.

[Laura de Mello e Souza, Aspectos da historiografia sobre o Brasil colonial. Em Marcos Cezar de Freitas (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*]

Nas suas obras, Gilberto Freyre

- (A) atribui o atraso econômico e cultural brasileiro ao longo processo de colonização portuguesa, que impôs o catolicismo, religião que pouco contribuiu para o desenvolvimento capitalista.
- (B) reconhece que a fragilidade cultural brasileira é tributária da enorme influência das ordens religiosas, em especial dos jesuítas, que não valorizavam as práticas sociais das sociedades indígenas.
- (C) condena vigorosamente a colonização com o uso da mão de obra escrava africana porque essa condição gerou um povo sem sentimentos de amor à terra natal e que desvaloriza a cultura europeia.
- (D) associa as históricas dificuldades econômicas brasileiras ao formato da administração colonial portuguesa, marcada pela corrupção endêmica e pela atenção excessiva aos interesses do Estado.
- (E) imputa ao sistema econômico organizado a partir da monocultura uma série de males, casos da aversão ao trabalho e da amoralidade, e vê a mestiçagem como benéfica ao Brasil.

47. Sua obra escrita com propósito de divulgação e exaltação das riquezas do Brasil será a consolidadora definitiva da imagem do senhor de engenho e do complexo microcosmo social que ele encabeçava.

O início da descrição do que representava econômica, social e politicamente o senhor de engenho é um texto de prosa clássica com sabor da épica camoniana dos *Lusíadas*, com suas *armas e barões assinalados* e já definido magistralmente o conteúdo de toda Primeira Parte dedicada ao açúcar.

O senhor de engenho é título a que muitos aspiram, porque traz consigo o ser servido, obedecido e respeitado por muitos.

[Laima Mesgravis, A sociedade brasileira e a historiografia colonial. Em Marcos Cezar de Freitas (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*]

O excerto traz elementos da obra de

- (A) Frei Vicente Salvador.
- (B) Gabriel Soares de Souza
- (C) André João Antonil.
- (D) Ambrósio Fernandes Brandão.
- (E) Pero de Magalhães Gandavo.

48. Concordo com o argumento de que traços totalitários são identificáveis nos discursos e práticas de Vargas, mas não se pode dizer que tenha havido, no período, “efetivação histórica do conceito em plano macro-institucional e societário”, como diz Roberto Romano.

[Maria Helena Rolim Capelato, Estado Novo: novas histórias. Em Marcos Cezar de Freitas (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*]

Entre outros argumentos para não definir o Estado Novo como uma ordem totalitária, a historiadora aponta que

- (A) não ocorreu o monopólio absoluto do Estado no plano físico, jurídico ou econômico, ainda que a repressão tenha sido intensa, e as liberdades, anuladas.
- (B) a legislação trabalhista e sindical oferecia liberdade de organização aos trabalhadores das empresas privadas.
- (C) a maior parte do ministério era formada por simpatizantes da ordem liberal, notadamente da experiência estadunidense.
- (D) havia brechas jurídicas na Constituição de 1937 que garantiam representação política para parte considerável da população.
- (E) as práticas políticas do governo autoritário respeitaram as particularidades regionais, especialmente no que se refere ao sistema educacional.

49. Quanto a pátrias, o texto d’*O Paraense* é claro: estas são as províncias, locais de reiteração de trajetórias particulares engendradoras dos “Povos” e de suas identidades coletivas. O plural do periodista tanto remete a um linguajar *ancien régime*, quanto demarca a multiplicidade dos âmbitos reais, concretos, da difícil “amalgamação” das diferenças, tanto aquelas às quais se referia José Bonifácio, quanto das que distinguiam o Pará de Pernambuco ou Minas Gerais da Cisplatina, e fazia os maranhenses saberem-se diferentes dos baianos. O Brasil, por seu turno, é o país, enorme mosaico de diferenças, cujas peças mal se acomodavam no império emergente do rompimento com Portugal, a partir de então “pátria mãe” e não mais “reino irmão”. E nesse quadro de contradições, não parece ser irrelevante destacar que a identidade nacional brasileira emergiu para expressar a adesão a uma nação que deliberadamente rejeitava identificar-se com todo o corpo social do país, e dotou-se para tanto de um Estado para manter sob controle o inimigo interno.

[István Jancsó e João Paulo G. Pimenta, Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). Em Carlos Guilherme Mota (org.). *A experiência brasileira*. Formação: histórias. Adaptado]

Segundo o artigo, no contexto apresentado, “inimigo interno” refere-se

- (A) aos colonos nascidos em Portugal.
- (B) às elites regionais do Centro-Sul.
- (C) aos religiosos defensores dos indígenas.
- (D) aos escravos de origem africana.
- (E) aos comerciantes estrangeiros.

50. Em Portugal, gradativamente, foi surgindo uma legislação que tinha como referência os indígenas. Já o Regimento de Tomé de Souza, outorgado por D. João III (1548), fazia referência ao tratamento amistoso que se deveria dar aos índios. Mas esse documento também permitia as “guerras justas” [...]

[Sílvio Coelho dos Santos, Os direitos dos indígenas no Brasil. Em Aracy Lopes da Silva & Luís Donisete Benzi Grupioni (org.). *A temática indígena na escola*. Novos subsídios para professores de 1.º e 2.º graus.]

Segundo o autor do artigo, as “guerras justas”

- (A) impossibilitaram os proprietários de terras de utilizarem a mão de obra indígena, situação que pressionou o Estado português no sentido de efetivar o tráfico negreiro para a América.
- (B) acentuaram a harmonia entre os interesses do Estado português, dos colonos e da Igreja Católica porque, na prática, a mão de obra indígena compulsória deixou de ser utilizada na América portuguesa.
- (C) prevaleceram nas regiões produtoras de açúcar em função da urgente necessidade do suprimento de mão de obra e foram desconhecidas nas regiões desvinculadas do mercado externo, caso de São Paulo.
- (D) se consubstanciaram em um mecanismo de proteção às sociedades indígenas porque foram raros os episódios de aldeias que não aceitavam a proteção e, conseqüentemente, a catequese dos missionários.
- (E) constituíam-se em um artifício jurídico pelo qual os primeiros donatários poderiam garantir a exploração da mão de obra indígena de forma compulsória por meio de guerra contra índios arredios.

51. Leia um discurso de Oswaldo Aranha.

A Revolução de Outubro articulou-se conosco, venceu com o nosso sangue, revigorou-se com o nosso idealismo, armou-se com a força dos nossos estados, mas ela nem nasceu da Aliança Liberal, nem do heroísmo de Copacabana, nem da audácia dos cruzadores do nosso sertão. Ela não é militar, nem civil: é ela mesma. Não tem dono, nem senhores, nem chefes. [...] Suas origens são longínquas e obscuras, vêm do passado que violou as leis econômicas e as sociais, e os seus destinos perdem-se num futuro, cujo mistério ultrapassa o estado atual dos nossos conhecimentos.

[Apud Vavy Pacheco Borges. Em Marcos Cezar de Freitas (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*]

Oswaldo Aranha trata

- (A) do Golpe de 64.
- (B) da Revolução de 30.
- (C) da decretação do Estado Novo.
- (D) da Proclamação da República.
- (E) da Revolução Constitucionalista de 32.

52. O interregno confuso de João Goulart seria apenas o prenúncio do golpe, que viria em 1964, pois a tentativa do Plano Trienal fracassou, tanto quanto seu governo agravou muitíssimo o terror das elites a quaisquer melhorias no campo social, propagandeadas como “ameaças comunistas” ou, como se alegou na época, como risco de instauração de uma “República sindicalista”, pois Jango apelou bastante para o viés “populista”.

[Carlos Fico, O Brasil no contexto da Guerra Fria: democracia, subdesenvolvimento e ideologia do planejamento (1946-1964). Em Carlos Guilherme Mota (org). *A experiência brasileira*. A grande transação. Adaptado]

O Plano Trienal

- (A) associava a taxaçaõ das grandes fortunas com investimentos públicos nas indústrias de base.
 - (B) ajustava o custo da máquina estatal, com o aumento tributário, para investimentos públicos.
 - (C) estabelecia uma reforma tributária em paralelo a um ajuste fiscal severo, com o controle cambial.
 - (D) ampliava o crédito para os bancos nacionais e controlava a taxa básica de juros.
 - (E) combinava o combate inflacionário, o crescimento econômico e as reformas sociais.
53. A transição democrática iniciara com o reconhecimento da legitimidade do conflito. Com o transcurso da transição, a política teria passado a ser percebida como experiência eminentemente conflituosa, aberta, avessa a determinismos, sem espaço para sujeitos oniscientes ou verdades inelutáveis. Seria agora extemporâneo cogitar eliminar o conflito em nome de metas supostamente consensuais como estabilidade econômica ou reforma do Estado. [...] O governo Fernando Collor de Mello viria pôr à prova esse entendimento.

[Tarcísio Costa, Os anos noventa: o ocaso da política e a sacralização do mercado. Em Carlos Guilherme Mota (org). *A experiência brasileira*. A grande transação.]

O governo Collor, segundo o autor do artigo,

- (A) alinhavou acordos com os partidos progressistas no Congresso Nacional e restringiu a abertura do mercado brasileiro aos bens de capital.
- (B) voltou-se para uma agenda marcadamente econômica e, ao mesmo tempo, potencializou a negação da política.
- (C) fracassou na articulação política por não oferecer espaço aos partidos pequenos e obteve ganhos econômicos notáveis, como o controle inflacionário.
- (D) inovou com uma política externa independente, com a criação do Mercosul, e apresentou-se como conservador nos costumes.
- (E) projetou uma radical reforma do Estado e mostrou-se ousado no aspecto econômico ao optar pelo desenvolvimentismo.

54. [Em 1933], o presidente argentino Juan B. Justo visitou o Brasil e, na ocasião, Vargas deu enorme destaque à amizade argentino-brasileira, “tradição arraigada na alma dos dois povos”. [...] Salientou a identidade de interesses entre os dois países e as “possibilidades de intercâmbio econômico, cultural e de mútua assistência para assegurar a tranquilidade interna e a paz exterior”.

[Maria Helena Capelato, O “gigante brasileiro” na América Latina: ser ou não ser latino-americano. Em Carlos Guilherme Mota (org). *A experiência brasileira. A grande transação*]

Segundo o artigo de Maria Helena Capelato, a aproximação latino-americana pode ser explicada

- (A) pelo desinteresse da política externa norte-americana pela América Latina, mais preocupada em conter a expansão nazifascista.
- (B) pelo interesse do Brasil e da Argentina em ocuparem cargos de destaque na Liga das Nações, com o apoio dos Estados Unidos.
- (C) pelo fechamento do mercado europeu aos principais produtos da América Latina, como café, maquinofaturados têxteis e petróleo.
- (D) pelo afastamento dessa região dos Estados Unidos em função dos descontentamentos derivados da Crise de 1929.
- (E) pela necessidade brasileira em encontrar novos mercados para os produtos industriais do país, prejudicados pela depressão dos anos 1930.

55. Correndo paralela à historiografia oficial produzida no século XIX e começo do XX, que deu visibilidade apenas aos homens como personagens principais das lutas pela independência, encontra-se outra literatura – obras de uma série de autores menos valorizados que escreveram biografias sobre as heroínas desse movimento. Existe um repertório composto por livros sobre “mulheres célebres”, “mulheres patrióticas”, “mulheres ilustres”, que devia servir como lição de moral para as jovens e que, muitas vezes, era leitura obrigatória nas escolas.

(Maria Lígia Coelho Prado, *América Latina no século XIX. Tramas, telas e textos*)

O excerto acima está relacionado ao contexto

- (A) de disputa entre grupos feministas acerca da desimportância das mulheres nas insurreições ocorridas na América Latina a partir do século XIX, para a construção de um revisionismo histórico.
- (B) da chamada Guerra cultural, que busca deslegitimar anos de pesquisas em história que culmina na versão heroica dos libertadores da América como, por exemplo, José Martí e Simon Bolívar.
- (C) de separação entre a chamada nova História e a escola Positivista que, por sua vez, valorizam a presença de heroínas mulheres, enquanto ignoram a participação dos homens e heróis consagrados.
- (D) da valorização de novas fontes documentais para o estudo sobre o processo de independência da América Latina, que busca ressignificar sujeitos historicamente silenciados pela história oficial.
- (E) da chamada doutrinação e ideologia de gênero, que considera os heróis da independência Latino Americana como inferiores em relação às heroínas mulheres, conforme os novos documentos sugerem.

56. A Igreja foi a indispensável ponte entre duas épocas, numa passagem “catastrófica” e não cumulativa entre dois modos de produção [...]. Significativamente, foi o mentor oficial da primeira tentativa sistemática de fazer “renascer” o Império no Ocidente – a monarquia carolíngia. Com o Estado Carolíngio começa a história do feudalismo propriamente dito. Este esforço maciço ideológico e administrativo de “recriar” o sistema imperial do velho Mundo Antigo, na verdade, por uma inversão característica, incluía e ocultava o involuntário assentamento das fundações do novo. Na era carolíngia foram dados os passos decisivos para a formação do feudalismo.

(Perry Anderson. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*)

Entre esses “passos decisivos”, é correto apontar

- (A) a legislação do século VI, que proibia qualquer forma de trabalho compulsório e, ao mesmo tempo, instituiu a pequena propriedade rural.
- (B) o corpo de leis visigóticas do século IX, que limitavam o direito à propriedade e ofereciam proteção às práticas pagãs.
- (C) a lenta fusão, ao longo do século VIII, da vassalagem – homenagem pessoal – e o benefício – concessão de terras.
- (D) a recuperação de leis bizantinas, a partir do século V, que recomendavam a cobrança de tributos da hierarquia da Igreja.
- (E) a renovação da filosofia e da literatura, a partir do século X, que valorizava o viver no campo em detrimento à vida nas cidades.

57. A indústria algodoeira foi assim lançada, como um planador, pelo empuxo do comércio colonial ao qual estava ligada; um comércio que prometia uma expansão não apenas grande, mais rápida e sobretudo imprevisível, que encorajou o empresário a adotar as técnicas revolucionárias necessárias para lhe fazer face. Entre 1750 e 1769, a exportação britânica de tecidos aumentou de dez vezes.

[...]

Mas a indústria do algodão tinha outras vantagens. Toda a sua matéria-prima vinha do exterior, e seu suprimento podia portanto ser expandido pelos drásticos métodos que se ofereciam aos brancos nas colônias – a escravidão e a abertura de novas áreas de cultivo – em vez dos métodos mais lentos da agricultura europeia; nem era tampouco atrapalhada pelos interesses agrários estabelecidos da Europa.

(Eric Hobsbawm, *A era das revoluções – 1789-1848*)

O excerto permite afirmar que

- (A) o forte desenvolvimento industrial britânico foi baseado na atividade têxtil e teve condições favoráveis em função da exploração colonial, principalmente com o emprego do trabalho compulsório.
- (B) a opção britânica pela concentração de esforços na produção industrial surgiu em um contexto no qual a Grã-Bretanha abria mão de espaços coloniais na América e tecia críticas contundentes ao trabalho escravo.
- (C) o incremento da produção industrial britânica teve como entrave central o desvio de capitais produtivos para o tráfico negreiro, impedindo um avanço mais rápido das invenções técnicas e tecnológicas.
- (D) o impulso inicial para a revolução tecnológica industrial britânica esteve associado ao desestímulo britânico ao investimento em qualquer atividade econômica relacionada à exploração do trabalho escravo.
- (E) a expansão industrial têxtil britânica dependeu da alta produtividade da agricultura do país, baseada nas pequenas e médias propriedades e com o apoio de recursos públicos e privados.

58. A libertação das colônias portuguesas tem características que lembram a Indochina e a Argélia, pelo menos no que se refere ao projeto independentista, à reação da metrópole e ao início da guerra. Tanto em Angola como na Argélia, a guerra eclode repentinamente, com uma série de ataques simultâneos a postos militares; no caso angolano, postos de Luanda, em 4 de fevereiro de 1961.

(Marc Ferro. *História das colonizações – Das conquistas às independências – século XIII a XX*)

Também caracteriza o processo de libertação colonial de Angola

- (A) o apoio da maior parte dos colonos, principalmente daqueles nascidos em Portugal, à independência política e econômica do país.
 - (B) a ingerência da Igreja Católica na guerra de independência, condenando todas as ações bélicas metropolitanas e da PIDE.
 - (C) o isolamento político dos revolucionários, congregados no Partido Comunista Angolano, em virtude das divergências com o Pacto de Varsóvia.
 - (D) a interferência de outras nações, pois os Estados Unidos apoiavam a UPA-FNLA, enquanto o MPLA recebia ajuda da URSS e de Cuba.
 - (E) a condenação formal ao ultracolonialismo português feita pela África do Sul e endossada pelas nações da Europa Ocidental.
59. Todavia, embora agora divididos pelas diferenças das condições locais, pelas nacionalidades e as classes, os movimentos revolucionários de 1830-1848 continuaram tendo muito em comum. Em primeiro lugar, como vimos, eles continuaram sendo em grande parte organizações minoritárias de conspiradores da classe média e intelectuais, frequentemente exilados ou limitados ao mundo relativamente pequeno dos letrados. (Quando as revoluções eclodiam, é claro, o povo comum vinha à cena por si mesmo. Dos 350 mortos na insurreição de Milão, em 1848, só cerca de uma dúzia eram estudantes, funcionários ou gente de famílias proprietárias de terras. Setenta e quatro eram mulheres e crianças, e o resto se constituía de artesãos ou trabalhadores.) Em segundo lugar, eles mantiveram um padrão comum de procedimento político, de ideias estratégicas e táticas etc, derivadas da experiência e da herança da Revolução de 1789, e um forte sentido de unidade internacional.

(Eric Hobsbawm, *A era das revoluções – 1789-1848*)

Segundo Eric Hobsbawm, as lutas sociais desse contexto foram

- (A) marcadas pela baixa participação da classe trabalhadora.
- (B) caracterizadas pela baixa adesão dos artesãos e operários.
- (C) predominantemente populares e inspiradas na Revolução Francesa.
- (D) marcadamente burguesas e defensoras da propriedade privada.
- (E) empreendidas por pequenos grupos insatisfeitos com a França do século XVIII.

60. O *surrealismo*, embora igualmente dedicado à rejeição da arte como era até então conhecida, igualmente dado a escândalos públicos e (como veremos) ainda mais atraído pela revolução social era mais que um protesto negativo: como seria de esperar de um movimento centrado principalmente na França, um país onde toda moda exige uma teoria. Na verdade, podemos dizer que, enquanto o dadaísmo naufragava no início da década de 1920 com a era de guerra e revolução que lhe dera origem, o surrealismo saía dela com o que se tem chamado de “uma súplica pela ressurreição da imaginação, baseada no inconsciente revelado pela psicanálise, os símbolos e sonhos”.

(Eric Hobsbawm, *Era dos extremos*)

O excerto traz referências ao contexto

- (A) dos movimentos artísticos caracterizados pela visão conservadora e saudosista da chamada escola clássica de arte que marcaram os séculos XVIII e XIX.
- (B) da vanguarda moderna do Dadaísmo iniciado em Zurique e do Surrealismo nascido em Paris e influenciado pelas teorias psicanalíticas a partir da década de 1920.
- (C) do Modernismo no Brasil e do Muralismo Mexicano que copiaram as escolas Dadaístas e Surrealistas diante de sua clara superioridade técnica e estética.
- (D) da vanguarda clássica do Surrealismo iniciado em Berlim e do Dadaísmo nascidos em Viena, ambos influenciados pelas teorias psicanalíticas de Lacan.
- (E) dos estudos psicanalíticos que impuseram aos movimentos na França e Alemanha um modelo artístico padronizado e autoritário de inspiração conservadora.

